

Rússia diz que há possibilidade de acordo sobre Ucrânia



“Eu acho que há sempre chance [de um acordo]. E me parece que nossas possibilidades estão longe de terem sido exauridas. Neste ponto, eu sugiro que continuemos a trabalhar nelas”

Sergei Lavrov
chanceler da Rússia

Mantendo distância pelo fato de os ministros terem se encontrado com estrangeiros, Putin se reuniu com 1 Sergei Lavrov e 2 Serguei Choigu

Alexei Nilolsky/
Sputnik/AFP

baixadas já estão reduzindo os seus contingentes em Kiev.

“A posição russa é o clássico caso em que se bate com uma mão e se afaga com a outra”, diz o cientista político Konstantin Frolov em seu escritório em Moscou. Ele não acredita na invasão da Ucrânia nos termos ocidentais, mas não descarta alguma ação militar pontual envolvendo as áreas dominadas por rebeldes separatistas pró-Rússia no Donbass (leste ucraniano).

Um sinal nesse sentido foi dado pela Duma (Câmara Baixa do Parlamento), que iniciou oficialmente o debate para sugerir o reconhecimento das duas “repúblicas” rebeldes, de Lugansk e Donetsk.

Essa medida acarretaria grandes implicações, até porque Moscou já distribuiu 700 mil passaportes a cidadãos desses locais, que são majoritariamente russos étnicos.

Aí, seria esperar a reação ucraniana. Se fosse pela via militar, as repúblicas podem pedir ajuda militar a Putin – como seus líderes já sugeriram, já que apenas 10 mil dos 35 mil soldados por lá estariam em condições de batalha.

Nesse caso, o Kremlin diria que não invadiu, mas ajudou aliados, causando dano às Forças Armadas ucranianas e talvez criando clima para a instalação de um governo menos resistente a Moscou – ou o contrário, este é o risco.

Segundo os Acordos de Minsk, que estabeleceram um frágil cessar-fogo em 2015, os separatistas teriam direito a certa autonomia, o que na prática pode significar o fim das chances de entrada na Otan e na UE, seja por conflito territorial, seja por direito a veto em decisões do tipo.

Por esse motivo Kiev nunca os implementou, apesar de tê-los assinado, alegando coação à época. Atualmente, potências europeias como a França querem a adoção dos termos, que são deliberadamente vagos e favorecem a leitura russa.

Outro país envolvido neles, a Alemanha, resolveu entrar no jogo depois de Emmanuel Macron ter passado certa vergonha ao levar recados de Putin para Zelenski na Ucrânia, na semana passada.

O francês, ao menos, parece ter reconhecido o seu erro, e agora já adota uma posição mais objetiva com os russos. Nesta segunda, o novo primeiro-ministro alemão, Olaf Scholz, visitou Kiev. Reptiu a ameaça de sanções à Rússia em caso de invasão e disse que não via justificativa razoável para a atividade militar de Moscou na fronteira.

Nesta terça-feira, irá encontrar-se com Putin. Ninguém espera nada de substantivo disso.

Os alemães são dos mais cuidadosos atores nesse drama todo, uma vez que eles têm grande interesse no gás natural russo que consomem – o duto Nord Stream 2 está pronto, só esperando esta crise passar para começar a operar.

Rússia sinaliza que existe chance de acordo sobre Ucrânia com o Ocidente

EUA repetem risco de invasão iminente e transferem embaixada de Kiev para cidade a oeste

Igor Gielow

MOSCOU Com a crise entre a Rússia e a Ucrânia entrando em uma semana decisiva, o governo de Vladimir Putin emitiu sinais de abertura diplomática ao Ocidente. Ao mesmo tempo, o alarmismo do outro lado só aumentou, com os Estados Unidos movendo a sua embaixada de Kiev para Lviv, um bastião no oeste ucraniano.

A indicação é um padrão repetitivo, que reforça as suspeitas dos que acreditam que ele quer dizer que está pronto para a guerra, mas que de fato não pretende iniciar uma.

No raciocínio inverso, vocalizado por críticos do russo principalmente nos EUA e no Reino Unido, há o temor de que ele só esteja ganhando tempo para preparar uma ação militar contra o vizinho.

Seja qual for a verdade, a sinalização foi dupla, dada por ministros de seu governo em encontros televisionados no

Kremlin –ouseja, havia a intenção de passar recado público.

No primeiro, o chanceler Sergei Lavrov afirmou que a Rússia deve continuar negociando com o Ocidente e que “há possibilidade de um acordo”. Ele informou ao chefe que os EUA apresentaram “propostas concretas” para reduzir as tensões, mas que a Otan (clube militar liderado por Washington) e a União Europeia ainda não seguem tal caminho.

Depois de falar que a Rússia não deveria ser enrolada pelo Ocidente em suas demandas, que basicamente consistem em manter a Ucrânia fora da Otan e limitar a posição militar de membros ex-comunistas que aderiram ao bloco após 1999, ele foi ao ponto.

“Eu acho que há sempre chance [de um acordo]. E me parece que nossas possibilidades estão longe de terem sido exauridas. Neste ponto, eu sugiro que continuemos a trabalhar nelas”, disse Lavrov.

Na sequência, Putin recebeu Sergei Choigu (Defesa), que jogou em dois campos. No da diplomacia, informou que “parte de nossos exercícios militares já está acabando”, uma senha que pode significar alguma desescalada.

Desde novembro, Putin concentrou cerca de 130 mil soldados em torno da Ucrânia, incluindo aí 30 mil em manobras, agora, na Belarus e um exercício naval que começou sua fase ativa nesta segunda-feira (14) no mar Negro.

Se as tropas efetivamente voltarem a seus quartéis de origem, Vladimir Putin poderá afirmar que apenas fez o que havia prometido e o Ocidente, cantar alguma vitória.

O Pentágono, por outro lado, disse não ter visto nem um sinal claro de retirada. E acrescentou que o apoio que Putin recebe da China de Xi Jinping no caso ucraniano é “extremamente alarmante”, nas palavras do porta-voz

Jack Kirby. Para quem gosta de um enredo apocalíptico de Terceira Guerra Mundial, foi a primeira referência clara dos EUA contra a aliança Putin-Xi, que foi estabelecida formalmente há duas semanas.

Por outro lado, Choigu alertou para um incidente ocorrido neste fim de semana, quando forças russas baseadas em Vladivostok localizaram um submarino americano rondando águas territoriais de Moscou no Pacífico.

O Pentágono negou que a sua embarcação tenha sido afastada por um destróier russo, conforme chegou a circular na imprensa moscovita, mas o caso mostra que a tensão está em todo canto.

Dessa forma, a Rússia se mantém em aquecimento, por assim dizer, mas afirma ao Ocidente que a “invasão iminente” cantada pelos EUA ao longo da última semana não seria assim tão iminente.

A Ucrânia continua denun-

ciando o alarmismo, bem ciente do dano econômico que sofre. Seu embaixador em Londres, contudo, teve de voltar atrás após ter dito à BBC que a questão da entrada na Otan poderia ser rediscutida

–uma concessão para acabar com a crise agora, se real.

Ainda assim, Volodimir Zelenski nesta segunda-feira implorou aos oligarcas que eventualmente tenham deixado o país com medo de uma guerra que voltassem. “Voltem para seu povo e suas fábricas”, disse, emulando o que vinha dizendo nos últimos dias. A questão é que a fuga dos super-ricos é ainda uma lenda urbana: o site Ukrainskaia Prada chegou a dizer que havia dezenas deles em fuga, só para ao menos dois importantes surgirem para negar.

Entretanto, o temor do alarmismo, em Washington, é bem palpável: o governo britânico convocou uma reunião de emergência, e mais em-

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 9